

AS INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES COMO NARRATIVAS DE UM FEMINISMO NEGRO

THE INSUBMISSIVE TEARS OF WOMEN AS NARRATIVES OF A BLACK FEMINISM

Albânia Celi Morais de Brito Lira 1

Resumo: Neste trabalho, estudaremos como se estabelece o enfrentamento ao processo de estereotipização de personagens femininas negras na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo. Apresentaremos como as personagens femininas na narrativa de Evaristo subvertem os processos de violência aos quais são submetidas, se reposicionando como sujeitos centrais da narrativa. Partindo de conceitos próprios do feminismo negro como lugar de fala (RIBEIRO, 2017), autorrepresentação (COLLINS, 2017) e interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018); CRENSHAW, 2002), abordaremos como se estabelecem as estratégias narrativas da autora para construir o contra-discurso aos estereótipos de personagens femininas negras.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Feminismo Negro. Interseccionalidade. Lugar de Fala. Autorrepresentação.

Abstract: In this work, we will study how to confront the stereotyping process of black female characters in the work *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, by Conceição Evaristo. We will present how the female characters in Evaristo's narrative subvert the process of violence to which they are subjected, repositioning themselves as central subjects of the narrative. Starting from the concepts of black feminism as a place of speech (RIBEIRO, 2017), self-representation (COLLINS, 2017) and intersectionality (AKOTIRENE, 2018), we will approach how the author's narrative strategies are established to construct the counter-discourse to the stereotypes of black female characters.

Keywords: Conceição Evaristo. Black Feminism. Intersectionality. Place of Speech. Self-Representation.

Introdução

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011)¹, Evaristo nos apresenta narrativas nas quais temas centrais aos debates do feminismo negro, como lugar de fala e interseccionalidade, permeiam o processo criativo. A narradora dialoga com mulheres negras e periféricas cujos corpos e identidades encontram-se atravessadas pelo racismo estrutural da sociedade brasileira. A escritura passa por um processo de transformação na contra-narrativa responsável por romper o padrão de autorização discursiva no sentido de denunciá-lo, enfrentá-lo e subvertê-lo. Autorização discursiva esta que, ao longo da historiografia literária nacional, foi responsável pela criação e manutenção de estereótipos de personagens negras. Recorreremos a conceitos como o de lugar de fala (RIBEIRO, 2017), autorrepresentação (COLLINS, 2017) e entre-lugar (BHABHA, 1998) para fundamentar a ruptura do padrão discursivo responsável pelo silenciamento e pela invisibilidade de personagens femininas. Além disso, os debates acerca da interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018; CRENSHAW, 2002) nos oferecerão a leitura a partir dos eixos de poder que impõem diferentes opressões às personagens.

Lugar de fala e autorrepresentação: ferramentas para uma narrativa feminista

Ao falar acerca de como nasce sua escrita, Evaristo retoma o gesto ancestral de sua mãe ao fazer desenhos do sol, no chão do quintal, para chamá-lo a enxugar os varais repletos de lençóis das patroas. Esse é o gesto a partir do qual Conceição Evaristo cria uma cronologia e introduz sua relação com a leitura e a escrita.

O chão, os cadernos feitos de papel de embrulho ou de papéis avulsos costurados e as revistas velhas recolhidas compõem os primeiros suportes de escrita e leitura dos quais dispunha. Em suas palavras afirma que:

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita (EVARISTO, 2007).

Nesse sentido, a escrita de Evaristo se apresenta carregada de consciência da precariedade da vida cotidiana. Ao mesmo tempo em que representava a fuga daquela realidade de exclusão na qual se encontrava, também representava o lugar de autoafirmação de particularidades e especificidades, enquanto sujeito-mulher-negra. A partir desse duplo movimento de fuga e inserção, desde aquele ato simbólico de desenho-escrita até a autoafirmação, estabelece-se o questionamento: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? (EVARISTO, 2007) E a resposta:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que, se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. [...] E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, [...] pela escolha da matéria narrada (EVARISTO, 2007).

1 Ao longo deste artigo, ao nos referirmos à obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, o faremos de forma reduzida à *Insubmissas lágrimas*.

Ao afirmar o caráter de insubordinação da mulher negra diante do ato de escrever, conectando-o ao trânsito dessas mulheres por espaços sociais diversos daqueles da elite cultural, Conceição Evaristo nos encaminha para o debate sobre o lugar de fala.

Ao propor a definição do termo, Ribeiro (2017) afirma que o lugar social ocupado por mulheres e o modo pelo qual é possível tirar proveito desse lugar representam uma pista interessante no sentido de definir lugar de fala. A pesquisadora recorre à teoria do ponto de vista feminista proposta por Patrícia Hill Collins, segundo a qual as condições sociais de determinados grupos autorizam que esses grupos acessem ou não os lugares de cidadania.

Assim, com base na teoria do ponto de vista feminista, torna-se possível analisar como o lugar social ocupado por mulheres negras restringe oportunidades. Nesse sentido, Ribeiro (2017) afirma que:

A nossa hipótese é que a partir da teoria do ponto de vista feminista é possível falar de lugar de fala. Ao reivindicar os diferentes pontos de análise e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram tornadas implícitas dentro da normatização hegemônica (RIBEIRO, 2017, p. 62).

E segue reforçando que, em relação às mulheres, especificamente, as mulheres negras:

[...] o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal da mulher e de negritude, e outras identidades [...] Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva (RIBEIRO, 2017, p. 72).

A teoria do ponto de vista feminista e o lugar de fala representam o suporte teórico a partir do qual as realidades de mulheres negras e periféricas são tornadas explícitas e se insurgem contra a normatização hegemônica. Com Evaristo, esse enfrentamento acontece inicialmente nos espaços sociais ocupados por mulheres, como ela própria, para posteriormente se consolidar no espaço ficcional trabalhado em suas narrativas. Portanto, em “Racismo e sexismo na cultura brasileira”², ao falar do mito da democracia racial amplamente difundido, segundo o qual o racismo não prosperaria no Brasil, e de como o dominado se alia ao dominador, reproduzindo seus preconceitos, sobretudo em relação à mulher negra, Lélia Gonzalez destaca, entre outros pontos, a importância de se falar dessa mulher, a partir do ponto de vista da negritude.

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo [...]. Conseqüentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele é que habitualmente nós vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva (GONZALEZ, 1980, p. 224).

Interessante perceber como o debate na perspectiva de pesquisadoras negras, como

² Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980.

a da própria Gonzalez, coincide com a intenção declarada por Conceição Evaristo de partir de suas experiências para construir narrativas de mulheres periféricas. É a partir de suas próprias vivências como mulher negra e periférica que Evaristo desloca a perspectiva de suas personagens femininas. Em sua produção literária, escolhe narrar as insubmissas lágrimas, a partir das quais expõe a violência sofrida por suas iguais. O espaço da violência continua sendo o familiar, o doméstico, a periferia ou a cidadezinha perdida em um recanto qualquer. No entanto, as narrativas não se encerram, mas partem da violência e de como essas personagens femininas não sucumbem a ela.

Ao longo da historiografia literária nacional, não é difícil identificar exemplos de como a personagem feminina negra aparece de forma estereotipada e enquadrada em modelos como os da pobreza, de corpos sensualizados e sexualizados, ou distanciadas da identidade negra por processos de branqueamento. Valendo-se de um discurso autorizado e único sobre as personagens femininas negras, o sistema literário tem nos apresentado personagens como Isaura, de *A escrava Isaura* (1875); Rita Baiana, de *O Cortiço* (1890), Negrinha (1920) e Tia Anastácia (1931), de Monteiro Lobato, entre tantas outras. Estabelece-se, então, a partir do cânone literário brasileiro, o regime de autorização discursiva, por meio do qual uma identidade hegemônica, patriarcal, constrói o discurso estereotipado da mulher negra acerca da pobreza, de seu corpo sensualizado ou branqueado. Nesse sentido Isaura, Rita Baiana, Negrinha e Tia Anastácia são percebidas como uma alteridade completa, no sentido de diferença, distanciamento social e de exotismo em relação aos seus narradores. Estereótipo que se estabeleceu no sistema literário e tem encontrado nos estudos da contemporaneidade um contra-discurso.

Dalcastagnè (2012), ao tratar do lugar de fala na narrativa contemporânea, distingue três modos de representação do “outro”, os quais chama de o exótico, o crítico e o de dentro. No exótico temos o sujeito estereotipado, visto como aquele a ser enquadrado a partir do olhar que o torna objeto e que o mantém silenciado. Como exemplo dessa representação, temos a questão da mulher negra ao longo da história nacional e dentro do sistema literário. Acerca dessa representação das personagens negras, Evaristo (2005) questiona se há tanto no discurso literário, quanto no histórico, um projeto de apagamento dos sentidos da matriz africana na sociedade. Como resposta às provocações feitas, afirma que:

Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação (EVARISTO, 2005, p. 54).

Segue questionando se, a partir dessa constituição de um cânone literário no qual as personagens negras permanecem estereotipadas, a literatura não ignoraria o papel da mulher negra na formação da cultura nacional.

No modo de representação crítico, tem-se o questionamento em torno de quem fala pelo outro e da autoridade para se falar deste outro.

E aí temos a legitimação, obviamente irônica, de representações canhestras, preconceituosas, verborrágicas daqueles que “ainda não podem falar por si”. [...] Toda essa literatura mais marcadamente crítica está sugerindo, no final das contas, que a autoridade de quem fala pelo outro tem de ser questionada, tanto em termos literários quanto sociais. O que não significa que a representação de grupos diferentes daquele de onde procede o autor deva ser censurada (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 38).

Já no modo de representação de dentro, de acordo com Dalcastagnè (2012), não há mais a separação entre aquele que representa e o representado. Nessa perspectiva, o autor está próximo de suas personagens e inserido na cena narrativa a partir de suas vivências. Assim, pode-se perceber o deslocamento da representação no que se refere às personagens em si e na matéria narrada. Nessa perspectiva se inserem nas narrativas aquelas personagens, antes representadas de maneira estereotipadas, agora a partir de um ponto de vista distinto, como parte de um contra discurso. Dalcastagnè (2012) nos fala, então, da experiência de escrita de Carolina Maria de Jesus e de sua narrativa de mulher negra e favelada narrando a partir de seu lugar social.

Nesse sentido, as narrativas de Evaristo partem dessa representação de dentro de que fala Dalcastagnè. Tema recorrente em suas narrativas, a violência contra a mulher negra e periférica é tratada sob um ponto de vista diverso do que parece ser o majoritário no cânone literário brasileiro. Essa violência, em suas manifestações física, sexual, cultural ou psicológica, passa a ser narrada na perspectiva da mulher violentada.

Enquanto obras canônicas trazem as personagens femininas presas a estereótipos de sexo, cor e classe social, em *Insubmissas lágrimas*, essas personagens rompem com o padrão narrativo hegemônico para enfrentar, denunciar e subverter os processos de violência pelos quais passam. Na obra em análise, as narrativas trazem nos títulos os nomes das personagens femininas, que, ao relatarem como sobreviveram à violência, rasuram, nas palavras de Evaristo (2005), a representação da mulher invisibilizada e ficcionalizada a partir de estereótipos reproduzidos dentro do sistema literário. Uma narradora dá voz a treze personagens para que os relatos sejam apresentados de forma direta.

A partir do momento em que rompe com o padrão narrativo hegemônico e nos apresenta a narrativa de mulheres a partir do lugar socialmente ocupado por elas, Evaristo assume a proposta de González, retomando a questão das personagens negras femininas numa perspectiva diversa daquela presente no cânone nacional. Em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1980), Gonzalez afirma que a mulher negra permanecia aprisionada a estereótipos, cujas raízes remontavam à escravidão, autorizando o discurso que apresentava a mulher negra como um corpo desejo disponível. Vejamos a seguir como Evaristo (2011) constrói a narrativa de personagens femininas que rompem com estereótipos de sexo, cor e classe social.

Aramides Florença, personagem do conto homônimo, relata como seu sonho de constituir uma família é brutalizado pelo marido ao estuprá-la na presença do filho:

Era esse o homem, que me violentava, que machucava o meu corpo e a minha pessoa, no que eu tinha de mais íntimo. Este homem estava me fazendo coisa dele, sem se importar com nada, nem com nosso filho, que chorava no berço ao lado.

E quando ele se levantou com o seu membro murcho e satisfeito, a escorrer o sangue que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes, que não me queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre fora nos outros momentos de prazer (EVARISTO, 2011, p. 18).

A harmonia do casamento é quebrada a partir da gravidez e culmina com o nascimento da criança. Durante o período em que esteve grávida, relata pequenas violências físicas e psicológicas, que parecendo desconexas, se revelam elementos que constituem o desejo de posse do marido sobre o corpo da esposa. Ao deslocar o centro de atenção para o filho recém-nascido, o marido entendeu que aquele corpo-objeto não lhe pertencia mais. O estupro, então, se torna a ferramenta útil para castigar, reduzindo a mulher a um corpo-objeto.

Adelha Santana Limoeiro é uma mulher madura que fora chamada durante a madrugada para buscar o marido que passara mal: “Ele passara mal em cima do corpo da mulher”

(EVARISTO, 2011, p. 35). Foi sozinha à casa de desconhecidas, “encontrar o corpo do marido, amolecido (que) jazia quase caindo da cama” (EVARISTO, 2011, p. 34). Permaneceu por dias na casa das jovens mulheres, até o marido morrer. Sobre sua experiência afirma que, ao chegar ao local:

As donas da casa, apavoradas, concordaram; eu não tinha nada a opor. Sem dificuldade alguma, cuidei financeiramente da sobrevivência de nós quatro, enquanto estive por lá. O mais doloroso era perceber que, mesmo vivendo seus últimos dias, meu velho buscava incessantemente, o que, no corpo dele, era a única certeza, o único motivo de ele ser: o seu membro. Ironicamente, justo o pedaço de carne que primeiro perdeu a vitalidade em seu corpo[...] Assim a história dele terminou - não a minha, enfatizou Santana [...] (EVARISTO, 2011, p. 37).

Adelha é exemplo da contra-narrativa da masculinidade falocêntrica, ao permanecer ao lado do marido moribundo, após mais uma tentativa de reviver a virilidade, procurando mulheres jovens. Ao se referir às várias tentativas de o marido reviver a virilidade, afirma:

[...] dei asas ao velho para que ele, na ignorância, na teimosia, no orgulho ferido de macho, voasse em busca daquilo que não se recupera, o vigor da juventude. Eu quero viver a grandeza de minha velhice e estou conseguindo sem mentiras, nem falsos remédios. Não quero me iludir com a cruel promessa da devolução de um tempo que já passou (EVARISTO, 2011, p. 36).

Lia Gabriel é a professora que, após ser espancada pelo marido, se encontra sozinha, com três filhos e se adapta à nova realidade. Deixa a escola, onde trabalhava pela manhã, para dar aulas particulares de matemática em casa e cuidar de perto de Máximo Gabriel, o caçula diagnosticado esquizofrênico.

De dia, tinha uma boa clientela, criança e jovens. De noite, adultos que estavam se preparando para algum concurso. Trabalhar em casa foi a solução encontrada. Eu não tinha como pagar uma auxiliar para me ajudar a cuidar das crianças [...]. Nas horas vagas, isto é, na solidão da madrugada, comecei a fazer pequenos consertos em aparelhos domésticos e, hoje, sou a única mulher que tem uma oficina eletrônica na cidade [...] Consertei a minha vida, cuja mola estava enferrujando. Eu mesma imprimi novos movimentos aos meus dias (EVARISTO, 2011, p. 84).

Rose Dusreis é a bailarina negra, vinda de uma família humilde, de quem escutara que a dança não os alimentaria. Para poder participar do corpo de dança da pequena cidade onde morava, Dusreis ofereceu à professora Atília Bessa o trabalho de lavadeira da mãe como pagamento. Experimentou desde cedo o racismo por ser uma negra que sonhava com uma profissão de brancas:

Anos depois, a cada dificuldade enfrentada para me profissionalizar, eu me lembrava da resposta que me foi

dada naquele momento. Ternamente, Atília Bessa pousou a mão em minha cabeça e me disse que o meu tipo físico não era propício para o balé. Eu tinha oito anos somente. Só com o passar do tempo pude entender o que foi dito naquela fala. [...]

Um dia, a própria professora Atília Bessa veio assistir aos ensaios, que estavam sob o encargo de outra professora, e elogiou o meu desempenho, dizendo que eu tinha muito jeito para a dança [...] Esperançosa aguardei que ela me convidasse para ser sua aluna no balé. [...] Aguardei o porquê da minha substituição, já na semana da festa, quando uma menina branca, pintada de preto no meu lugar, fingiu ser a bonequinha negra que eu era (EVARISTO, 2011, p. 92-93).

As personagens femininas de *Insubmissas lágrimas* se distanciam do estereótipo de submissão da mulher negra que povoa o cânone literário nacional. Na obra analisada, temos mulheres comuns que enfrentam o entrecruzamento de violências, sem, contudo, sucumbirem a essas formas de violência. Seus corpos transcendem as marcas de violência e seguem se resignificando. Suas práticas diárias apontam para a resistência diante do cotidiano de agressões físicas e psicológicas que companheiros e sociedade tentam lhes impor.

Na escrita da mulher negra, que cria uma narradora negra para coletar histórias de outras mulheres suas iguais, identifica-se a ruptura de estereótipos no sentido de reorientar os lugares ocupados por corpos negros femininos. Nos relatos dessas personagens, encontra-se um discurso de enfrentamento ao papel de subalternidade imposto pela narrativa hegemônica.

Ribeiro (2017), ao discutir o conceito de lugar de fala a partir do feminismo negro, retoma discursos importantes de mulheres negras, que servem de base para sua tese. Mulheres como Sojourner Truth, que, ainda no século XIX, instaura uma contra-narrativa com seu questionamento acerca de ser ou não uma mulher, por ser negra:

Antes de chegarmos ao que se entende sobre o conceito de lugar de fala propriamente dito, é importante falarmos dos percursos intelectual e de luta de mulheres negras durante a história [...] para nos mostrar que, desde muito tempo, as mulheres negras vêm lutando para serem sujeitos políticos e produzindo discursos contra hegemônicos (RIBEIRO, 2017, p. 21).

Ao se referir ao questionamento de Truth, Djamila Ribeiro afirma que, desde o início do movimento feminista, as mulheres negras deixam evidente “a urgência por existir e a importância de evidenciar que estavam produzindo insurgências contra o modelo dominante e promovendo disputas narrativas” (RIBEIRO, 2017, p. 26).

Ainda em relação ao percurso de ativistas do feminismo negro, nos chama a atenção para a hierarquização dos saberes proposta por Lélia Gonzalez, para quem o modelo eurocêntrico de conhecimento silenciava saberes e práticas não europeias e inviabilizava outros conhecimentos. Segundo Ribeiro:

Gonzales evidenciou as diferentes trajetórias e estratégias de resistência dessas mulheres e defendeu um feminismo afrolatinoamericano, colocando em evidência o legado de luta, partilha de caminhos de enfrentamento ao racismo e ao sexismo já percorridos. Assim, mais do que compartilhar experiências baseadas na escravidão, racismo e colonialismo, essas mulheres partilham processos de resistências (RIBEIRO, 2017, p. 27-28).

Ribeiro (2017) considera as mulheres negras enquanto grupo social e parte da premissa de que é necessário que seja dada voz àqueles grupos que nunca puderam falar, ou que, quando falaram, não ocuparam lugares em que essa fala era ouvida isto para que se perceba que essa “marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica” (RIBEIRO, 2017, p. 61-62).

Ao abordar o lugar de fala, discute-se sobre “como as opressões estruturais impedem que indivíduos de certos grupos tenham direito à fala” (RIBEIRO, 2017, p. 69). Evaristo, com suas narrativas, faz o enfrentamento ao silêncio imposto às personagens negras, trazendo-as para o centro da narrativa e reordenando seus posicionamentos em relação à matéria narrada.

Muito embora a origem do termo lugar de fala seja imprecisa, Ribeiro fundamenta suas discussões na possibilidade de que esse termo surge:

[...] a partir da tradição de discurso sobre *feminist standpoint* – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial. As reflexões e trabalhos gerados nessa perspectiva, conseqüentemente, foram sendo moldados no seio dos movimentos sociais, muito marcadamente no debate social, como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva (RIBEIRO, 2017, p. 60).

Para Ribeiro (2017), lugar de fala deve ser entendido como uma questão estrutural, uma vez que são considerados os saberes e vivências comuns a determinados grupos sociais para a reflexão crítica acerca das opressões às quais estão submetidos. Ao enfrentarem o debate a partir desses saberes e vivências próprias, esses grupos, e aqui especificamente as mulheres negras, se colocam contra a autorização discursiva, uma vez que passam a falar de e por si.

Em depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Conceição Evaristo fala de si e de suas experiências desde a infância pobre na favela, até aquele momento como pesquisadora e escritora negra na e da academia. Nesse depoimento, Evaristo destaca, a partir de sua origem humilde e vinda da favela, a percepção do lugar ocupado na estrutura social e sua profunda consciência de classe ao afirmar que “reconhecia que a vida não poderia ser somente aquele pouco que [...] era oferecido. Se muito de minha infância pobre, muito pobre, me doía, havia felicidades também incontáveis” (EVARISTO, 2009, p. 3).

Seja como escritora ou pesquisadora, reafirma as experiências vividas, o lugar de pertencimento, os ensinamentos trazidos da favela junto à mãe e à tia lavadeiras. Atividades diárias como a entrega de roupas nas casas, a troca de tarefas domésticas por livros, o recolhimento de restos de lixo para vender e conseguir dinheiro, presentes na memória da escritora são transportados para suas narrativas e ajudam a compor uma teia de resistência com a qual Evaristo trabalha.

Nesse sentido, Evaristo enfrenta a autorização discursiva ao criar narrativas a partir daquelas mulheres que não foram ouvidas ou sobre quem o sistema literário silenciou, ou quando falou, o fez a partir de estereótipos.

Seguindo o depoimento, Evaristo destaca a presença definitiva das mulheres da família em sua trajetória de vida, sobretudo da mãe e da tia com quem fora morar para “para que a [...] mãe tivesse uma boca a menos para alimentar” (EVARISTO, 2005, p. 1). A respeito dessas mulheres, fala da força com que sempre trabalharam nas casas como lavadeiras e domésticas e de como sua família, mesmo composta por pessoas semialfabetizadas, se reunia em torno de histórias inventadas ou recolhidas de impressos trazidos das casas onde trabalhavam.

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava,

os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita (EVARISTO, 2005, p. 3).

Ao longo do depoimento, Evaristo deixa clara a percepção de sua condição de mulher negra, desde a infância, quando recusara a definição de parda no registro de nascimento, “Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra” (EVARISTO, 2005, p. 1).

A recusa de Evaristo em se enquadrar na classificação do registro de nascimento como parda aponta para a reflexão de como, intencionalmente, a população negra é mantida em um entre-lugar racial.

Em *Local da cultura*, Bhabha (1998) nos fala acerca da consciência de possibilidades de sujeitos que se encontram além das categorias conceituais e organizacionais básicas de raça e gênero. Esses sujeitos experimentam, a partir de suas vidas fronteiriças, produzir subjetividades articuladas com as diferenças culturais, no que o autor chama de entre-lugares.

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 19).

Ocupam esses entre-lugares, nas palavras do autor, uma gama de vozes e histórias dissonantes, até dissidentes, representada por minorias responsáveis por reescreverem as narrativas nacionais, a partir de olhares periféricos: “Cada vez mais, as culturas “nacionais” estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas” (BHABHA, 1998, p. 25).

Retomando o questionamento de Evaristo, aquela menina que se questiona sobre que tonalidade seria aquela entre o preto e o branco para ser declarada negra, assume um ponto de vista a partir do qual se reconhece além da designação imposta pela narrativa oficial de nação. Na afirmação de sua negritude, afronta o olhar colonizador que escolheu classificar as pessoas do grupo social ao qual pertence como pardas.

Weschenfelder e Silva (2018) problematizam o que chamam de dispositivo de mestiçagem e como esse dispositivo interfere na produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo. Os autores localizam a denominação parda/o ao longo do processo de miscigenação brasileira, desde o período colonial até a contemporaneidade. O pardo seria aquele que se encontra entre o branco europeu e o negro africano, portanto, a síntese da democracia racial. No entanto, ao longo da pesquisa, fica evidente que a pardificação, como política de estado, serviu para excluir o negro dos processos históricos. A miscigenação, responsável pelo branqueamento da população brasileira, incluiu o negro na mistura de raças para poder silenciá-lo na narrativa nacional. Assim a figura do pardo, em sua própria definição, se configura dispositivo de silenciamento e anulação.

Do ponto de vista racial brasileiro, a denominação pardo, portanto, representa espaço de suspensão e silenciamento. Ao recusar essa denominação e se declarar negra, Evaristo restitui para si a contra-narrativa que desmascara o mito da democracia racial e expõe a necessidade de enfrentamento da narrativa nacional baseada na harmonia perfeita entre os povos

que formam a nação. É a voz dissonante que fala da fronteira e se movimenta em direção ao enfrentamento do discurso nacional.

Em “Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”, Patricia Hill Collins (2016) trata do status de *outsider within* de mulheres negras. Fala-nos de como essas mulheres negras, tomadas como forasteiras dentro do movimento feminista, tiveram que se apropriar dessa condição negativa, para, atribuir-lhe um sentido positivo, a partir de pontos de vista próprios.

Como outsiders within, estudiosas feministas negras podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginais cujos pontos de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo. Trazer esse grupo [...] para o centro da análise pode revelar aspectos da realidade obscurecidos por abordagens mais ortodoxas (COLLINS, 2016, p. 101).

O conceito de outsider within discutido por Collins (2016) nos chama a atenção para o lugar ocupado por mulheres negras subalternizadas. Segundo a pesquisadora, esse lugar, mesmo que pareça paradoxal por se tratar de mecanismo de subalternização, faz com que essas mulheres desenvolvam uma compreensão mais complexa de acontecimentos da vida social. A socióloga estadunidense recorre ao exemplo das empregadas domésticas que convivem e compreendem o padrão de vida hegemônico das famílias brancas para as quais trabalham. Fazendo parte do cotidiano e das vidas daquelas famílias, essas mulheres são mantidas próximas, mesmo que racializadas e inferiorizadas. Desse lugar onde se encontram, são capazes de perceber a elite branca exercendo superioridade pelo racismo. Acerca das domésticas afirma que “Esse status de *outsider within* tem proporcionado às mulheres afro-americanas um ponto de vista especial quanto ao *self*, à família e à sociedade” (COLLINS, 2016, p. 99), já que sabiam que mesmo próximas, jamais participariam efetivamente daquelas famílias

Collins propõe o que chama de três temas chaves para discutir o feminismo negro, a partir do ponto de vista de mulheres negras: o significado de autodefinição e autoavaliação; a natureza interligada da opressão e a importância da cultura de mulheres afroamericanas.

Nas palavras de Collins (2016), autodefinir-se implica desafiar a validação de estereótipos, criados a partir da noção da mulher negra como um outro, que contribuem para controlar e manter os processos de desumanização desse grupo específico de mulheres. A autodefinição traz consigo a autoavaliação, ou seja, dá ênfase às imagens autênticas das mulheres negras, uma vez que abandonados os estereótipos, essas imagens partem das próprias integrantes dos grupos. Nesse sentido, a autora nos traz importantes pontuações para o feminismo negro, no que se refere à necessidade de autodefinição das mulheres negras :

Feministas negras têm questionado não apenas o que tem sido dito sobre mulheres negras, mas também a credibilidade e as intenções daqueles que detêm o poder de definir. Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos (COLLINS, 2016, p.103-104).

Como os estereótipos são usados a serviço do controle de grupos submetidos a processos de dominação, ao desafiar-los e substituí-los por imagens autênticas de si, mulheres negras assumem os espaços como sujeitos humanos de que fala Collins (2016). Ao recusar sua identificação como parda para se autodefinir negra, Conceição Evaristo traz consigo esse poder,

enquanto sujeito humano.

Ao afirmar que as narrativas de *Insubmissas lágrimas* são quase suas porque se confundem com as suas, percebemos que a escritora transpõe para o seu fazer literário o desafio de criar personagens femininas negras a partir de uma visão diversa dos estereótipos canônicos e, portanto, aproximada da condição de *outsider within*.

Com base no que nos propõe Collins (2016), é possível afirmar que, do ponto de vista da criação literária, em *Insubmissas lágrimas*, a autodefinição se apresenta como recurso que contribui para reforçar tanto a existência quanto a resistência das personagens diante das opressões. Vejamos:

Adelha Santana Limoeiro, negra, poderia sim lembrar a santa branca, a Santana, pois a avó de Jesus, aparece sincretizada com Nanã, mito Nagô. Pisei nos dois terrenos, já que Nanã é também velha. Adelha Santana Limoeiro é Nanã, aquela que conhece a lama, o limo, o lodo, onde estão os mortos. Santana, Nanã, Limo (eiro). E depois desse reconhecimento já é possível recontar a história que Santana me contou (EVARISTO, 2011, p. 33).

Maria do Rosário, no momento em que percebeu que havia sido roubada por um casal de estrangeiros:

E quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo o que muitas vezes escutei os mais velhos contarem. As histórias de escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava.

Durante anos eu vivi com o casal que me roubou de minha família, em uma casa grande, que parecia uma fazenda (EVARISTO, 2011, p. 41).

Isaltina Campo Belo ao falar sobre a sua família:

Nossa família, desde os avós maternos de minha mãe, já se encontrava estabelecida na cidade. Eles tinham chegado ali como negros livres, nos meados do século XIX, com uma parca economia. Minha mãe, orgulhosamente, sempre nos contava a luta de seus antecedentes pela compra da carta de alforria. Histórias que eu, meu irmão e minha irmã, ouvíamos e repetíamos com altivez, sempre que podíamos, na escola.[...] era uma narrativa que alimentava também a nossa dignidade (EVARISTO, 2011, p. 50).

Dusreis ao falar de sua formação em dança:

Uma carta de apresentação de uma das professoras de dança, do colégio onde tinha vivido até então, me abriu portas. Cursei vários estilos de dança, fora do meu Estado e, depois, fora do país. Aos poucos fui me profissionalizando e tive oportunidade de fazer parte de grupos nacionais e estrangeiros, mas, na maioria das vezes, eu era uma das poucas ou, senão, a única bailarina negra do grupo. E assim a vida ia seguindo, eu feliz (EVARISTO, 2011, p. 96).

Ribeiro (2017) afirma que “Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes,

produções, e para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos” (RIBEIRO, 2017, p. 37). Evaristo entrecruza as perspectivas social e literária ao enfrentar o olhar colonizador sobre os corpos femininos, a começar por si mesma na condição de escritora. Portanto o feminismo negro tem como premissa importante a fala a partir da mulher negra, uma vez que, ao longo da história, essa mulher sempre foi narrada e definida a partir de um “eu” decidido a mantê-la silenciada e invisibilizada. Nesse sentido, as narrativas de Evaristo forçam o sistema literário a se movimentar do lugar de quem sempre foi autorizado a falar e a se colocar no lugar de escuta.

Interseccionalidade: reorientação narrativa de personagens femininas negras

Gonzalez (1984), ao discorrer sobre como os negros são silenciados, uma vez que havia sempre quem falasse por eles, tratando-os como incapazes, nos adverte sobre o racismo disseminado no cotidiano brasileiro. A pesquisadora chama a atenção para os estereótipos impostos aos negros, classificando-os de incapazes, preguiçosos, violentos. Enfatiza o modo a partir do qual a sociedade naturaliza a favela como sendo o lugar do negro, tornando por lugar natural aquilo que socialmente significa local de exclusão:

Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal (GONZALEZ 1984, p. 3).

Ao tratar especificamente da mulher negra, Gonzalez (1984) observa que, ao longo do processo histórico, desde a escravidão até a atualidade, a construção do estereótipo da mulher negra passa de escrava à doméstica, lavadeira ou à prostituta. Silenciada em sua existência social, segundo a pesquisadora, a mulher negra surge apenas como um corpo desejado, ora nas casas para as experimentações sexuais dos patrões, ora no carnaval, quando autorizada a ser a rainha.

Em sua prática, Gonzalez antecipa o debate acerca da interseccionalidade ao questionar o modo como o racismo se encontra interceptado pelas dimensões de gênero, de classe e orientação sexual, como índices responsáveis pelas condições opressoras na vida da população negra. Como forma de resistência ao que chama de pensamento colonial, ainda na década de 1980, Gonzales propõe a debater uma epistemologia que abarcasse a realidade próxima, dedicando-se aos estudos sobre África e América.

A Amefricanidade proposta por Lélia Gonzalez, na década de 1980, e em seguida a abordagem decolonial, consolidada nos anos 200 de modo cabal, através de Maria Lugones,[...] criticam a postura missionária da civilização ocidental - metodologicamente interseccionam as estruturas de raça, gênero, sexualidade, nação e classe, estabelecendo coro latino-americano contra o colonialismo, imperialismo e monopólio epistêmico ocidental (AKOTIRENE, 2018, p. 28).

Ao debater o feminismo, a pesquisadora questiona a invisibilidade das mulheres negras dentro do movimento feminista. Enfatiza como o feminismo se baseia em teorias eurocêntricas, excluindo, assim, da realidade latinoamericana, a experiência de mulheres negras. Ao propor o debate partindo da experiência dessas mulheres latinoamericanas, as mulheres negras deixam de ser faladas a partir de e passam a falar por si.

No texto introdutório de *Insubmissas lágrimas*, escrito em primeira pessoa, há uma afirmação de que as histórias contadas no livro se confundem com as histórias de quem escreve. “Da voz outra, faço a minha, as histórias também” (EVARISTO, 2011, p. 9). Já nos contos, a narradora, que parte em busca de histórias, ao se encontrar com Líbia Moirã e ser interpelada sobre o interesse em escrever histórias de mulheres, responde: “Eu invento, Líbia, eu invento! Fale-me algo de você, me dê um mote que eu invento uma história como sendo a sua [...]” (EVARISTO, 2011, p. 74).

Nos relatos de violência feitos pelas personagens, percebe-se o entrecruzamento de opressões, ao confrontarmos os marcadores gênero - raça - classe das mulheres insubmissas ao destino. Chegamos assim à “articulação metodológica proposta pelas feministas negras e atualmente chamada de interseccionalidade”, nas palavras de Akotirene (2018, p. 36).

O termo interseccionalidade chega ao meio acadêmico, na década de 1990, vindo da crítica às leis antidiscriminação, proposta por Kimberlé Crenshaw, intelectual afroestadunidense, atuante na área do Direito. No entanto, feministas negras já trabalhavam com os seus fundamentos ao discutirem como diversas formas de opressão agiam sobre a mulher negra de forma a mantê-la silenciada, invisibilizada ou objetificada.

Ao tratar da mulher negra como a “forasteira de dentro” do movimento feminista, Collins (2016) aponta como um dos temas-chave para o feminismo negro ao qual chama de natureza interligada de opressão. Trata de como se encontram as pesquisadoras negras como forasteiras de dentro, nas pesquisas sociológicas e de como podiam se beneficiar dessa condição perante a academia. Em relação a esse tema, afirma que:

A atenção dispensada por feministas negras à natureza interligada da opressão é significante por duas razões. Em primeiro lugar, esse ponto de vista muda todo o foco da investigação, partindo de uma abordagem que tinha como objetivo explicar os elementos de raça, gênero ou opressão de classe, para outra que pretende determinar quais são os elos entre esses sistemas. A primeira abordagem prioriza comumente um tipo de opressão como sendo primária e, em seguida, trata das opressões restantes como variáveis que fazem parte do sistema que é visto como o mais importante. [...] Em contrapartida, a abordagem mais holística implícita no pensamento feminista negro trata da interação entre múltiplos sistemas como o objeto de estudo. Em vez de acrescentar às teorias existentes variáveis anteriormente excluídas, feministas negras têm como objetivo desenvolver interpretações teóricas da própria interação em si (COLLINS, 2016, p. 108).

Nessa perspectiva, não se estabelece a hierarquia entre as opressões pelas quais passa a mulher negra. Não interessa saber que opressão é a inicial e quais outras surgem como variáveis desta. Identificadas as opressões, a partir do lugar social ocupado por essas mulheres, interessa ao feminismo negro estabelecer as interações entre os sistemas de opressão, a fim de que possam ser enfrentados.

Acerca da impossibilidade de hierarquização de opressões, Akotirene afirma, corroborando com o pensamento de Collins (2016) que:

Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade (AKOTIRENE, 2018, p. 39).

Não cabe somar marcações de identidade - mulher, negra, favelada, doméstica, professora, lésbica - no sentido de hierarquizar-las, mas buscar as condições estruturais nas quais esses sujeitos se encontram interseccionados.

Portanto, na heterogeneidade de opressões conectadas pela modernidade, afasta-se a perspectiva de hierarquizar sofrimento, visto como todo sofrimento estar inteceptado pelas estruturas.

Não existe hierarquia de opressão, já aprendemos. Identidades sobressaltam aos olhos ocidentais, mas a interseccionalidade se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois enxergá-las como identidades (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

Numa descrição das personagens centrais de cada um dos contos, nos deparamos com marcações de gênero, raça e classe como vetores da proposta de enfrentamento ao sistema literário e à própria narrativa de nação, responsáveis pela manutenção de estereótipos da mulher na literatura. Ao afirmar que premeditou a escrita de *Insubmissas lágrimas* e criou mulheres insubmissas ao destino, Conceição Evaristo realiza o exercício de enfrentamento à matriz de opressão materializada pela violência vivida por cada personagem. A insubmissão ao destino agiu de modo a que essas narrativas não tivessem como desfecho o estupro, a violência psicológica ou a agressão física. Elas partem dessas manifestações da violência para estabelecer o contra-discurso. De personagens silenciadas, invisibilizadas e periféricas assim tratadas pelo sistema literário, as personagens femininas de *Insubmissas lágrimas* são reorientadas das margens para o centro da narrativa. Assumem, assim, as posicionalidades necessárias à reorientação dos significados subjetivos de seus corpos negros, atravessados pela violência.

Em *Insubmissas lágrimas*, estabelece-se uma conexão entre as personagens, mediada pela narradora, que se fundamenta nos relatos de violência experimentados e relatados por cada uma das mulheres, para estabelecer uma teia de narrativas de insubmissão. São palavras dessa narradora:

Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só a de Aramides, mas as de várias outras mulheres se confundiram em minha mente. [...] Outras deusas, mulheres salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz, avultaram a minha memória. Aramides, Lia, Shirley, Isaltina, Daluz e mais outras que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor (EVARISTO, 2011, p. 81).

Lia, Aramides, Isaltina, Shirley e Daluz são personagens centrais das narrativas às quais emprestam seus nomes como títulos. Não há entre elas qualquer relação narrativa. A teia narrativa é construída pela narradora que, ao transpor o limite estrutural do conto,

aproximando personagens em suas experiências, cria um contra-discurso responsável por atacar a subalternização dos corpos femininos. E a narradora segue afirmando que as personagens, “elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo” (EVARISTO, 2011, p. 81).

Desafiando o processo de invisibilidade que se utiliza do espaço literário e o extrapola para alcançar a narrativa de nação, para manter os corpos femininos invisíveis nos espaços sociais, essas mulheres tomam de volta a narrativa de seus próprios corpos, ao desfiar o rosário de dor. A ressurreição concebida a partir dos corpos-mulheres responde ao questionamento de Akotirene (2018) acerca da reorientação de significados dos corpos femininos a partir das novas posicionalidades ocupadas por esses corpos.

Em cada narrativa encontramos mulheres que se dispõem a relatar uma dentre tantas experiências de sofrimentos. São mulheres comuns - mães, esposas, professoras, autônomas - que se distanciam do estereótipo da mulher negra sobre o qual nos fala Evaristo (2005), ao tratar da representação da mulher negra na literatura.

A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial (EVARISTO, 2005, p. 52).

Nas *Insubmissas lágrimas*, a narradora estabelece a marcação de raça de modo a que fique claro o grupo social ao qual pertencem as personagens. Tal marcação se apresenta para estabelecer o lugar de fala e o enfrentamento, como afirmado por Evaristo (2005), ao passado escravo, ao corpo-procriação e ao corpo-objeto.

hooks, no ensaio “Intelectuais negras” (1995), dirigido às intelectuais negras estadunidenses, elabora uma perspectiva crítica ao modo como mulheres negras seriam recepcionadas na academia. Ao longo do texto, destaca o que chama de suposições sexistas sobre os papéis ditos femininos e como tais suposições colaboram para a manutenção de estereótipos.

Suposições sexistas sobre papéis femininos informam expectativas das comunidades negras em relação às negras. Muita gente negra compartilha dessa ideia defendida por diversos grupos nesta sociedade de que as mulheres são inerentemente destinadas a servir aos outros com abnegação. Coletivamente, muitas negras internalizam a ideia de que devem servir e estar sempre prontas para atender quem queiram quem não a necessidade de outra pessoa (HOOKS, 1995, p. 470).

Trata de papéis secundários, sobre estigmatização quanto à capacidade intelectual e de construção teórica e de como os papéis femininos em casa, com filhos e para a família fundamentam essas suposições sexistas.

Dalcastagnè (2017), ao fazer o recorte de como a mulher é percebida na literatura brasileira, abordando especificamente o tema maternidade, afirma:

[...] um dos discursos mais recorrentes sobre as mulheres é aquele que lhes atribui o papel de mãe, já normatizado e fixado em torno da noção do instinto materno, que serve para a naturalização dos papéis de gênero e elimina a ideia do amor

como algo a ser construído em uma relação (DALCASTAGNÈ, 2017, p. 132).

No conto “Saura Amarantino”, percebe-se que tais suposições sexistas se aplicam também a esta mulher interceptada, tal qual as intelectuais negras estadunidenses, por estruturas de opressão de gênero, raça e classe. Viúva ainda jovem, após um relacionamento breve, engravida e decide por entregar a terceira filha ao pai.

Saura inicia sua conversa com a narradora, afirmando que todos gritavam ou sussurravam algo a seu respeito por ter entregue a terceira filha ao pai. Segue seu relato, afirmando que tanto entende do amor quanto do desprezo que uma mãe é capaz de oferecer a um filho. A decisão de não permanecer com a filha é tida pela família e pelo grupo social próximo como algo abominável à condição materna. Com base no relato da personagem, nota-se que não é aceito como natural, a criança ter sido entregue ao pai. A partir daí, cria-se o discurso de que a criança fora abandonada física e emocionalmente pela mãe, que deixara de cumprir seu papel materno. Estabelece, assim, uma contra-narrativa diversa daquela social hegemônica para a qual o amor e a maternidade partem, respectivamente, de concepções essencialista e compulsória.

Para Crenshaw (2002):

A interseccionalidade [...] trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Nesse sentido, segundo Crenshaw (2002), variados eixos de poder, como gênero, raça e classe, configuram as avenidas estruturantes do discurso social e político, a partir do qual mulheres como Saura Amarantino são interceptadas por distintas formas de opressão.

As escolhas feitas desconstroem a narrativa patriarcal burguesa em torno da vida amorosa e sexual da mulher na condição de viúva. Ao afirmar que não aceita ser julgada como uma mulher sem sentimentos, porque não foi capaz de inventar amor pela terceira filha, Saura rasura um discurso opressor, que trabalha com a naturalização do amor materno. “Não consigo inventar um sentimento em mim, só pra me salvar de julgamentos alheios” (EVARISTO, 2011, p. 104). Em sua fala fica clara sua posição de enfrentamento à visão essencialista relativa ao modo como deveria agir diante da maternidade.

Segundo Akotirene (2018) “a interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas” (AKOTIRENE, 2018, p. 43). Estruturas que dão o suporte a que permaneça como verdadeiro o discurso essencialista do amor materno. A pesquisadora ainda acrescenta que a interseccionalidade se trata de uma experiência racializada, no sentido de exigir que os preconceitos, a quem chama de caixinhas particulares, que criam os obstáculos às lutas de modo global, sejam abandonados. Segue afirmando que “A interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal” (AKOTIRENE, 2018, p. 25), que reforça a naturalização do papel da mulher nascida para viver a maternidade compulsória. Mulheres negras que, segundo a pesquisadora, se encontram interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre prontos para excluir dessas mulheres suas identidades e subjetividades complexificadas. A exemplo de Saura que confronta as estruturas do heteropatriarcado passando-lhe a responsabilidade de cuidar da filha.

Em suas palavras finais, Saura Amarantino desabafa “Só eu sei do meu sentir”, o que

nos remete às considerações finais de Hooks a sobre como o ativismo de intelectuais negras, diante do patriarcado, as aproximam de experiências dolorosas.

Muitas vezes o trabalho intelectual leva ao confronto com duras realidades. Pode nos lembrar que a dominação e a opressão continuam a moldar as vidas de todos, sobretudo das pessoas negras e mestiças. Esse trabalho não apenas nos arrasta mais para perto do sofrimento, como nos faz sofrer (HOOKS, 1995, p. 477).

No relato de Saura se estabelece o contra-discurso aos papéis femininos defendidos por hooks (1995). Ao afirmar sua individualidade também em relação aos sentimentos, Saura nos remete à complexidade que permeia sua decisão de entregar a filha ao pai. Quando afirma ser incapaz de inventar sentimentos para fugir do julgamento alheio, Saura desmonta a narrativa hegemônica alicerçada no discurso heteropatriarcal. Rompe assim o estereótipo do amor materno incondicional e inescapável, sem contudo deixar transparecer que também sofre pela decisão tomada. Enfrenta o preconceito vivido por mulheres viúvas diante do exercício de sua sexualidade. Questiona a ideia de amor como algo a ser construído numa teia de relacionamentos, que passa pela relação mãe e filho, mas não se encerra neste modo reducionista de padronizar a maternidade. Afirma não sentir amor pela terceira filha e vive a maternidade com seus dois primeiros filhos Idália e Maurino.

Assim, a interseccionalidade nos ajuda a perceber a complexidade dos processos sociais e de gênero que se apresentam na narrativa ora analisada. Algo possível apenas porque os relatos partem da própria Saura e revelam um lugar de fala distinto daquele das narrativas hegemônicas silenciado pelo discurso heteropatriarcal que insiste em idealizar a maternidade cercada pelo amor incondicional e inescapável à condição feminina.

Considerações Finais

As experiências com a violência foram determinantes para as novas posicionalidades das personagens em *Insubmissas Lágrimas*, que se insurgem diante das opressões e que não sucumbem às estruturas opressoras. Nas narrativas analisadas, ressurgir e persistir representam a resposta política dessas mulheres diante da matriz de opressão gravada em seus corpos negros.

Insubmissas Lágrimas é um exercício de insubordinação. Ao escolher treze personagens femininas que sobrevivem à violência e assumem o lugar de fala para denunciar os atos violentos, Evaristo subverte a lógica da opressão, uma vez que as narrativas partem de onde inúmeras outras foram finalizadas dentro do sistema literário. No texto de Evaristo, a violência é o ponto de partida para os relatos que nos apresentam mulheres insubmissas às opressões e que persistem vivendo. Revelam o enfrentamento ao padrão opressivo, que transita do mundo real para o ficcional, expondo o limite tênue entre a ficcionalidade e a realidade, característico da narrativa contemporânea e em diálogo constante com o feminismo negro.

Referências

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade. In: RIBEIRO, Djamilia (coord.). **Feminismos Plurais**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Trad. Miriam Avila, Eugenia Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir

de uma perspectiva de gênero. *In*: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 01, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/RmjB7R>. Acesso em: 10 jan. 2019.

_____. O que é um nome? Mulherismo feminismo negro e além disso. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 51, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700510018>. Acesso em: 20 jan. 2010.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos a gênero. **Revista Estudos feministas**, v. 10, n. 01, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 31, jan./jun. 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9620/1/ARTIGO_SilencioEstereotiposRelacoes.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

_____. Imagens da mulher na narrativa brasileira. *In*: O eixo e a roda. **Revista de Literatura brasileira**, v. 15, 2017. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267/3201. Acesso em: 15 mar. 2019.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. Trad. Livre. [S.l.]: Plataforma Gueto, 2013.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

_____. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. Depoimento concedido durante o I Colóquio de escritoras mineiras, em maio de 2009, na faculdade de Letras da UFMG. *In*: DUARTE, Eduardo Assis (coord.). **Literafro: portal de literatura afro-brasileira**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 13 jan. 2019.

_____. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. *In*: DUARTE, Constância Lima. (org.). **FALE**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escrevivência em dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no Mundo – etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2005.

_____. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, ano 1, n. 01, p. 52–57, ago. 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Col. Vozes da diáspora negra, v. 7. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

_____. Nos gritos d'Oxum quero entrelaçar a minha escrevivência. *In*: DUARTE, Constância Lima (org.). **COLÓQUIO MULHERES EM LETRAS: escrituras, valores, sentidos**, 5., 2013. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *In*: Encontro Anual da Associação

Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 4., 1980, Rio de Janeiro. **Anais.** Grupo de trabalho Temas e Problemas da População Negra no Brasil. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1980. p. 223 - 245.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala.** Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; SILVA, Mozart Linhares da. A cor da mestiçagem: o pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo. **Análise Social**, n. 227, p.308-330, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31447/AS00032573.2018227.03>. Acesso em: 11 fev. 2020.

Recebido em 25 de abril de 2021.
Aceito em 22 de setembro de 2021.